

APRENDER, ENSINAR E PRATICAR: A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO RECURSO ESTRATÉGICO PARA INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

LEARNING, TEACHING AND PRACTICING: THE SCHOOL LIBRARY AS A STRATEGIC RESOURCE FOR THE INCLUSION OF PEOPLE WITH DISABILITIES

Danielle da Silva Pinheiro Wellichan¹
Carla Cristine Tescaro Santos Lino²

RESUMO

A biblioteca escolar é idealizada de acordo com o Projeto Político Pedagógico de cada escola e, diante desta parceria firmada, uma extensão da sala de aula é criada e novas oportunidades para aprender e ensinar podem acontecer. Por ser um espaço democrático, é também propício para a geração, disseminação e compartilhamento de informação. Dessa forma é um ambiente favorável para trabalhar assuntos importantes como a inclusão de Pessoas com Deficiência (PcD), que envolve a escola e a convivência de todos em sociedade. Com o objetivo de debater a inclusão da PcD, foi oferecido, em uma biblioteca escolar, um minicurso de férias para alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I em um colégio particular de uma cidade no interior de São Paulo. Foram utilizados, em atividades como a hora do conto, leitura individual e em grupo, dinâmica de vivência, exibição de filmes e curta-metragens, oficinas de desenho, criação de textos, debates mediados, exposições, materiais impressos e eletrônicos de histórias com personagens com deficiência. Além dos trabalhos gerados, uma roda de conversa com algumas pessoas com deficiência trouxe para a comunidade escolar um novo olhar sobre essa situação e contribuiu para a reafirmação da responsabilidade de cada um na construção de uma sociedade inclusiva.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Pessoas com deficiência. Sociedade Inclusiva.

ABSTRACT

The school library is designed according to the Political Pedagogical Project of each school, and in view of this partnership established, an extension of the classroom is created and new opportunities for learning and teaching can happen. As it is a democratic space, it is also conducive to the generation, dissemination and sharing of information, and for this reason, it is a favorable environment for working on important issues such as the inclusion of People with Disabilities (PwD), which involve the school and living together of everyone in society. In order to discuss the inclusion of PwD, a short holiday course was offered in a school library for children in

¹ Bibliotecária e Pedagoga, Especialista em Educação Infantil, Especial e Transtornos Globais do Desenvolvimento. Mestra em Ciência da Informação e Doutoranda em Educação, na linha de Educação Especial no Programa de Pós-graduação na UNESP/ Marília, participante do Grupo de Pesquisa Deficiências Físicas e Sensoriais – DefSen na UNESP, campus de Marília

² Professora Bilíngue em SRM-Surdez, Especialista em Educação Especial Surdez/Libras, Mestra em Educação, Doutoranda em Educação, na linha de Educação Especial no Programa de Pós-graduação na UNESP/Marília, participante do Grupo de Pesquisa Deficiências Físicas e Sensoriais – DefSen na UNESP, campus de Marília.

kindergarten and elementary school in a private school in a city in the interior of São Paulo. Printed and electronic story materials with characters with disabilities were used in activities such as storytelling, individual and group reading, live dynamics, showing films and short films, drawing workshops, creating texts, mediated debates and exhibitions. In addition to the work generated, a conversation circle with some people with disabilities brought the school community a new look at disability, and contributed to the reaffirmation of the responsibility of each one for the construction of an inclusive society.

Keywords: School Library. Disabled people. Inclusive Society.

Submetido: 30.04.2020.

Aceito: 24.06.2020.

1 INTRODUÇÃO

A idealização de uma biblioteca escolar acontece com base no Projeto Político Pedagógico de cada escola. Ele é o direcionador de como será e como acontecerá todo trabalho a ser desenvolvido, assim como direcionará a própria composição da biblioteca, com seus materiais, acervos, serviços e produtos (FERREIRA, 2015). Perrotti *apud* Prado (2003, não paginado) complementam essa ideia quando descrevem a biblioteca escolar como "[...] um espaço de formação e de educação para a informação", o que reafirma seu compromisso e ressalta a responsabilidade diante do público.

A Informação, segundo Duarte (2020, p. 67), “[...] é o insumo intelectual mais importante para o desenvolvimento das nações e do próprio indivíduo” e, devido à sua importância, o trabalho, a disseminação e compartilhamento com qualidade é dever de todo profissional da informação e uma necessidade de todos, inclusive das crianças em fase escolar, quando estão construindo o conhecimento e compreendendo seu lugar na sociedade.

Conforme Castro (2003, p.64) descreveu, diante das mudanças e transformações pelas quais a sociedade tem passado, a escola e a biblioteca podem ser consideradas “[...] como partes interdependentes e indissociáveis”, em um (re) significado que compreende a escola como um espaço de mediação entre a troca de conhecimentos e a (re) construção do saber. Enquanto a própria biblioteca é vista como um centro de informação, essencial para o desenvolvimento de toda comunidade escolar.

O “[...] crescimento ilimitado da informação, possibilitada pelas modernas tecnologias[...]”, exige que as bibliotecas repensem sua existência e atuação (BALÇA; FONSECA, 2012, p.65) e, nesse contexto, ao longo dos anos, o diálogo está sendo construído em meio às inúmeras dificuldades que envolvem precariedade estrutural, falta de investimento e reconhecimento, falta de formação e qualificação profissional, compondo, assim, um cenário marcado pelo esforço e dedicação de quem acredita e defende a interação entre as partes (WELLICHAN; LINO, 2018).

Ao considerar o histórico das bibliotecas escolares e o quanto a sua presença é importante para o ambiente de ensino e aprendizagem (WELLICHAN; FALEIRO, 2017), seja na formação e/ou no incentivo à leitura e aos leitores, na otimização do espaço, na disponibilização de materiais, no desenvolvimento de coleções ou na realização de ações culturais, o bibliotecário deve atuar desde o planejamento inicial das atividades escolares, estabelecer parcerias e firmar-se como parte integrante do espaço e da equipe educacional. Cabe à direção permitir que isso aconteça e ao bibliotecário aproveitar seu lugar para mostrar suas habilidades, potencialidades e técnicas especializadas.

É notório que esse pertencimento envolve fatores que nem sempre dependem do profissional, mas, quando em exercício, é preciso que o bibliotecário esteja atento às possibilidades e oportunidades que a sua presença em uma biblioteca escolar pode representar.

Por meio da interação entre biblioteca e escola, o conhecimento da realidade, a busca pela compreensão, empatia, aceitação e superação, além da desconstrução de estereótipos, são fatores a serem explorados e abordados ao longo da vida escolar.

Desde a Educação Infantil, inúmeros assuntos podem ser abordados ao explorar a curiosidade infantil e utilizar a ludicidade e a criatividade não só do professor, mas de toda equipe educacional.

Como Coleman (1986) citou, a curiosidade infantil em relação à diferença humana é grande, então, quando a criança indaga seus pais ou professores a respeito de questões dessa natureza, a curiosidade está mais relacionada ao interesse em si do que ao medo. Logo, dependendo do contexto, podem aprender a evitar pré-conceitos, aprendendo com as diferenças.

[...] mesmo as [crianças] muito novas, já têm condições de perceber a deficiência. Sem orientações adequadas, podem construir e manter concepções equivocadas, o que terá implicações em suas atitudes e interações com pessoas com deficiência. Nessa direção, é essencial o desenvolvimento de programas educativos sobre o tema, somados ao contato social misto, visando a desenvolver concepções que contribuam para a construção de um ambiente inclusivo (VIEIRA; VIEIRA, 2020, p. 15)

Por meio do desenvolvimento de programas educativos, como as autoras acima citaram, falar da inclusão das pessoas com deficiências torna-se um desses assuntos necessários de discussão precoce. Quanto antes curiosidades e informações forem compartilhadas com veracidade, maiores serão as chances de uma convivência harmoniosa acontecer.

A deficiência é um assunto que trata da vulnerabilidade do sujeito e por ser complexo não pode ser ignorado em qualquer que seja a área, setor ou campo da sociedade. É preciso que as práticas inclusivas se tornem realidade e que as crianças e adolescente encontrem espaços para aprendizado e convivência, no sentido de serem (e não só fazerem) parte da sociedade. Envolver a comunidade escolar na responsabilidade de incluir é dever de toda escola e biblioteca que preze a equidade, perante o desafio de corresponder às necessidades de responder a uma população que apresenta comportamentos de risco ou vistos como alunos com necessidades educativas especiais, que requerem estratégias individualizadas (WELICHAN; LINO, 2018, p. 11).

Conforme Omote (2013, p. 647) descreveu, “A experiência de contato prévio com pessoas com deficiência parece relacionar-se diretamente com atitudes sociais favoráveis em relação à inclusão”. Assim, práticas, ações, mudanças estruturais e educacionais podem amenizar as barreiras existentes, proporcionar a convivência entre pessoas com e sem deficiência, além de contribuir para melhores relações humanas, firmando-se como um importante requisito para um ambiente inclusivo que pode ser ou estar em todo lugar, inclusive em uma biblioteca.

No ambiente escolar, o bibliotecário também é um educador e tem o dever de propiciar condições para que a comunidade encontre meios para chegar à informação e ao conhecimento. Por meio de ações educativas de um profissional que também é da Educação, conforme citado por Campello (2010), as suas funções estão além da aparente e simples presença em uma biblioteca, elas incluem a organização local, a atuação como palestrante, instrutor, tutor e orientador ao auxiliar a comunidade escolar a tornar-se sujeito ativo no processo de aprendizagem.

Vista como um recurso importante para o sistema educativo, a biblioteca escolar deve acompanhar os objetivos e necessidades da escola (DURBAN ROCA, 2012, p.10) ou seja, participar do processo ensino-aprendizagem e “[...] estar intrínsecas ao global da escola e da comunidade, universalizando o conhecimento”.

A biblioteca, para a autora citada, é uma parte da “engrenagem pedagógica que envolve a totalidade da realidade educacional da escola, deve aglutinar, como um ímã, demandas e necessidades concretas surgidas nas diferentes áreas curriculares” (DURBAN ROCA, 2012, p. 91).

Para complementar, Duarte e Spudeit (2018, p.110) descrevem que a biblioteca escolar

[...] deve ser um organismo vivo dentro da escola, um local recreativo, educativo e descontraído, ambiente de silêncio, estudo e também de conversas, histórias e debates. A biblioteca deve facilitar o desenvolvimento de conhecimentos de diversas áreas, atuar de forma colaborativa com professores auxiliando a formação da competência informacional de alunos e cidadãos.

Consciente da oportunidade e conhecendo o potencial da biblioteca escolar, o bibliotecário, como agente formador e mediador, conta com uma aliada importante: a literatura infantil, que pode contribuir para uma visão diferenciada em relação a muitos conceitos (COELHO, 2005), como o ocorrido neste relato.

Desde a instituição da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) em 2015, a questão da deficiência foi estendida também para a literatura infantil, como observou Maria e Valente (2013, p.10)

Observa-se que atualmente há uma significativa preocupação por parte dos autores de literatura infantil, em trazer em suas obras discussões acerca das diferenças e da inclusão. Essa nova forma de escrever possibilita o envolvimento do leitor com a obra literária, pois ao escrever sobre situações do cotidiano, estas ensinam, formam e levam à reflexão. As histórias infantis estão valorizando a diversidade e o direito à diferença de uma forma que estas passam a contribuir para o desenvolvimento social, a criticidade e a melhoria das atitudes das crianças enquanto participante ativo da sociedade.

Por que não aproveitar a relação literatura-biblioteca escolar-inclusão em atividades educativas? Por que não criar uma ação prática que envolva a temática da inclusão e a curiosidade infantil para desmistificar preconceitos e ao mesmo tempo ensinar? Por que não apresentar às crianças novos personagens em

aventuras que gerem a conscientização e a discussão de assuntos que a cercam direta ou indiretamente?

Foi assim que o presente relato surgiu, do interesse pela relação citada acima e da iniciativa de profissionais comprometidos com uma realidade possível, movidos pelo desejo da conscientização e multiplicação da informação de qualidade.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

No mês de julho de 2019, em um colégio particular localizado em uma cidade no interior do Estado de São Paulo, um curso de férias foi oferecido para alunos do Ensino Fundamental I, a respeito das Pessoas com Deficiências (PcD), intitulado *“Conhecer, entender e respeitar a Deficiência”*. Sob essa temática, atividades foram elaboradas e trabalhadas ao longo do mês de férias para os alunos que frequentavam o colégio no período.

Com o objetivo de debater a inclusão da PcD no ambiente escolar e na sociedade, aproveitou-se um período de atividades especiais durante as férias escolares para desenvolver uma programação especial oferecida em formato de minicurso, proposta da diretoria do colégio em função de novas matrículas de alunos com deficiência no semestre. Com inscrição prévia e certificação ao término, totalizaram-se 10 encontros (duas vezes por semana) que aconteceram na biblioteca e na sala de vídeo.

A biblioteca escolar local abraçou a temática e ofereceu uma série de atividades: a hora do conto, exposições (materiais existentes na biblioteca e no acervo local sobre o assunto e trabalhos desenvolvidos ao longo do mês no curso), exibição de filmes sobre a temática com roda de conversa com especialistas (psicóloga e coordenadora de ciclo do colégio) e com PcDs (familiares de alunos e da comunidade escolar), oficina de desenho, blocos de montar e dinâmica de vivência com deficiência.

As atividades foram programadas em parceria da biblioteca com a coordenação do ciclo e envolveu toda a comunidade escolar, pois os profissionais locais também foram convidados a participar e acompanhar as realizações naquele período. Uma instituição especializada em deficiência também participou com empréstimo de equipamentos e fornecimento de informações a respeito da temática.

R. Bibliomar, São Luís, v.19, n. 1, p. 141-158, jan./jun. 2020.

As fotos utilizadas tiveram os rostos desfocados por questões éticas e foram registros de atividades e momentos ocorridos durante o minicurso. Os participantes com deficiência solicitaram que seus registros não fossem disponibilizados por questões particulares e as autoras deste artigo respeitaram as condições estabelecidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a hora do conto, foram selecionados livros de literatura que tratavam da questão da deficiência, como: “A centopéia pernetá” (Bruno Coelho Mendonça), “Contos de Fadas Inclusivos” (Cristiano Refosco), “Rodrigo enxerga tudo” (Markiano Charan Filho), “O livro negro das cores” (Menena Cotlin e Rosana Faria), “Estrelas tortas” (Walcyr Carrasco), “Flor de maio” (Maria Cristina Furtado), “Quem disse que não vou conseguir? ” (Marcos Ribeiro), “Daniel no mundo do silêncio” (Walcyr Carrasco), “As cores no mundo de Lucia” (Jorge Fernando dos Santos), “Tudo bem ser diferente” (Todd Parr), “O silêncio de Júlia” (Pierre Coran), “Pássaro Amarelo” (Thaís Burani e Olga de Dios), Coleção Inclusão Social (Editora Todo Livro), Coleção Nossas Crianças (Mennon Edições Científicas), “A felicidade das Borboletas” (Patrícia Secco), “Um mundinho para todos” (Ingrid Biesemeyer) e “E não é que eu ouvi?” (Lak Lobato e Eduardo Suarez).

Os livros impressos selecionados estavam disponíveis no acervo local e foram distribuídos em mesas e estantes de exposição pela biblioteca, para leitura (figura 1) e para empréstimo domiciliar.

Figura 1 – Leitura individual ou em grupo



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Foram disponibilizados dois computadores para pesquisa na biblioteca e para os livros/histórias em formato eletrônico³ (“A felicidade das borboletas”, “O grande dia” e “João preste atenção” de Patrícia Engel Secco e “Juliana pra lá de bacana”, “A voz da estrela” de Claudia Cotes, “Casa Amarela” e “Um menino genial”, de Keyla Ferrari). Softwares com programa de conversão de texto em áudio⁴ foram disponibilizados para que os alunos vivenciassem como seria a experiência da leitura com a tecnologia. Materiais em audiolivros e em Braille também ficaram em exposição.

Histórias em quadrinhos fizeram parte do curso (figura 2). A Turma da Mônica, por exemplo, tem contribuído para a inclusão com quadrinhos temáticos e explicativos sobre a convivência saudável e possível de pessoas com e sem deficiência, representados por personagens já conhecidos e com novas crianças como o Luca, um garoto que utiliza cadeira de rodas; Dorinha, que apresenta deficiência visual; Humberto, um garoto que não se expressa por palavras; André, o menino com Autismo; Tati, uma menina com Síndrome de Down; e Hamyr, o primeiro amigo com deficiência física da turma (WELLICHAN; LINO, 2019)

³ Livros disponíveis em: <http://www.educardpaschoal.org.br/projeto.php?id=4&page=21> Acesso em 02 mar.2020.

⁴ Utilizou-se o software *Mecdaisy*. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br> e o *Dspeech* para Windows, por opção do colégio, mas há outras opções que também podem ser utilizadas para a atividade desenvolvida.

Figura 2 – Personagens conhecidos e desconhecidos envolvidos em muita diversão



Fonte: Acervo pessoal das autoras

Encenadas por professores da Educação Infantil, contadas pela bibliotecária e por convidados, as obras foram disponibilizadas para as crianças que elegeram qual seria contada no cantinho da leitura (espaço decorado, com tapete, *puffs* e almofadas). Após a contação, houve uma conversa sobre a história, com a opinião das crianças, seguida do oferecimento de atividades com bloco de montar, oficina de desenhos e dinâmica de vivência, conforme descrito a seguir.

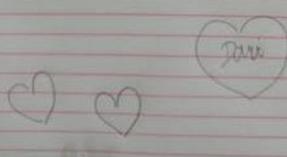
Figura 3 – Oficina de desenhos e recontar histórias: relatos de preconceito, amizade e de respeito



Um amigo um pouco diferente

Eu tenho um amigo que anda com rodadura de roda. Ele chama Davi e tem 10 anos, mas ainda está na primeira série. Eu não sou amigo dele porque acho ele chato e com defeito. Não entendi ele, mais é a minha preferência falar que ele não tem defeito, só é um pouco diferente. Eu não entendi ele e outros amigos, mas ele é meu grande amigo, eu gosto muito dele.

Luís, Lucas



Fonte: Acervo pessoal das autoras

As figuras acima (figura 3) mostram três momentos interessantes encontrados na expressão dos alunos a respeito das pessoas que eles conheciam com deficiência.

Os dois desenhos e o texto selecionados e aqui apresentados demonstram momentos vivenciados entre amigos. No primeiro, dois alunos conversam sobre o aluno com deficiência (aluno novo) em sala de aula. Enquanto um aluno demonstra

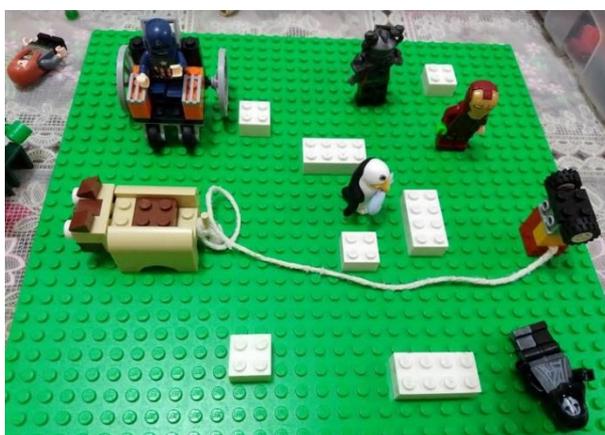
um pré-julgamento a respeito do aluno desconhecido, o outro o defende afirmando que “Ele é legal! ”. No texto da aluna, também está presente o relato sobre o primeiro contato com o desconhecido, a dúvida e depois a amizade que surgiu, após o esclarecimento da condição da criança “diferente”.

Essas concepções e atitudes a respeito das crianças com e sem deficiência em ambiente escolar têm sido objeto de diversos estudos (BALEOTTI; OMOTE, 2003; BALEOTTI, 2006; VIEIRA; DENARI, 2007; VIEIRA, 2013; SOUZA, 2014; 2019) e indicam o desconhecimento e a assimilação de informações equivocadas das deficiências por parte das crianças, o que facilita a criação de explicações fantasiosas e carregadas de estereótipos e preconceitos (VIEIRA; VIEIRA, 2020).

No segundo desenho vê-se a preocupação com o direito de brincar para crianças com deficiência. Nesse caso, o aluno contou sobre sua experiência ao conhecer um parque com brinquedos adaptados e a alegria de compartilhar esses momentos com seu amigo com deficiência. O aluno explicou que não imaginava como o amigo poderia brincar, já que utilizava cadeiras de rodas. Então, após conhecer sobre os parques com brinquedos adaptados, ele fez seu parquinho, com escorregador e as escadas que possuíam degraus mais largos e baixos para que o amigo conseguisse subir sozinho, “do jeitinho que ele gosta”.

Na atividade com blocos de montar (figura 4), um aluno apresentou a criação de personagens utilizando cadeira de rodas e com um cão guia, recontando uma historinha de convivência e amizade entre os super-heróis com deficiência.

Figura 4 – Atividade com bloco de montar – expressão e criatividade



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Para a dinâmica da vivência, buscou-se na cidade parceria com uma instituição especializada em deficiência, a qual gentilmente emprestou, no mês de julho, bengalas, muletas, faixas para os olhos, protetor para ouvidos, cadeiras de rodas, próteses, órteses e aparelhos auditivos, sendo alguns para uso na vivência e outros para exposição.

Os alunos selecionavam o recurso que quisessem “experimentar” e realizavam um pequeno passeio pelo colégio utilizando-o. Houve muito interesse sobre o uso, mas também a descoberta das dificuldades apontadas pelos alunos, não só em utilizar o recurso, mas em imaginar como uma pessoa com deficiência o utilizava, além da curiosidade em conhecer, tocar e descobrir a sua funcionalidade. Em algumas situações, o aluno voltava a utilizar o mesmo recurso, dizendo, por exemplo, que conversou com o avô que usava a cadeira de rodas e passou “dicas” de como fazê-lo de forma mais proveitosa, ou para contar “causos” sobre sua família e o uso do equipamento.

Percebeu-se muita curiosidade a respeito das próteses e órteses e seus meios de articulação e utilização. Foram relatados casos de crianças que afirmavam já terem visto pessoas utilizando prótese, mas não receberam informações a respeito. Por exemplo: “Meu pai falou que não podemos ficar olhando muito, porque a pessoa pode ficar brava”, relatou um aluno. Contrário a essa situação de desconhecimento, outros alunos trouxeram informações, pois alguém da família utilizava a prótese ou a órtese e as curiosidades foram conversadas e trabalhadas por meio de histórias de vida e pequenos vídeos explicativos de instituições especializadas.

Ficou nítido o quanto as situações experimentadas representam oportunidades de abordagem para determinados assuntos na infância e o quanto as informações são necessárias para o aprendizado e para a formação enquanto sujeito e cidadão. O aluno que possuía informações apresentava mais empatia, compreensão e respeito pela pessoa com deficiência, enquanto o que apresentou falta de informação, mostrou-se inseguro diante da situação ou das atividades propostas.

Na exibição de filmes (um filme e seis curtas-metragens), atividade intitulada como a “Hora do cineminha”, houve a mediação da bibliotecária, a presença da psicóloga e a coordenadora de ciclo (Fundamental I), além de convidados especiais:

R. Bibliomar, São Luís, v.19, n. 1, p. 141-158, jan./jun. 2020.

peças com deficiência, que faziam parte das famílias dos alunos (convites foram enviados antes do início do curso por cada aluno inscrito), de colaboradores do colégio e convidados da instituição que emprestou os recursos de Tecnologia Assistiva para o colégio durante o mês.

A atividade aconteceu na sala de vídeo, que é ampla, arejada e abriga, além de cadeiras, um espaço preenchido com tapete e almofada. Houve a distribuição de pipocas. Após a exibição (quadro 1), os convidados se aproximaram do espaço e em círculo comentaram sobre o filme, ouviram a opinião das crianças e as histórias que conheciam e se relacionavam ao que assistiram. Nesse momento, as pessoas com deficiência também se colocaram, relataram histórias, similaridades vivenciadas com o filme e responderam às perguntas das crianças.

Quadro 1 – Programação da “Hora do cineminha”

FILME	ENREDO
<i>Extraordinário</i> (Drama, 1h51min. 2017 de Stephen Chbosky)	Conta a história de um menino que nasceu com uma deformação facial, passou por 27 cirurgias plásticas e aos 10 anos vai pela primeira vez à escola regular.
<i>Longe de vista</i>	Produção de alunos da Universidade Nacional de Artes de Taiwan. Mostra as aventuras de uma garota cega ao se perder de seu cão e encontrar um caminho especial, marcado por sons e aromas. Disponível em: https://youtu.be/4qCbiCx Bd2M
<i>Por que Heloisa?</i>	Produzido pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo e escrito a partir da história real de uma menina que tem paralisia cerebral. Disponível em: https://youtu.be/f5vNAwmgZU4
O presente	Curta premiado com mais de 50 prêmios, retrata uma história de empatia, amizade e superação, que surge de uma relação inicialmente marcada pela rejeição. Baseado e adaptado de uma tirinha de história em quadrinhos do artista brasileiro Fabio Coala e animada por Jacob Frey. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bWINJVmc6Xg&feature=youtu.be
Tamara	Produzido pelo <i>Studio House Boat Animation</i> e dirigido por Jason Marino e Craig Kitmann, conta a história de uma menina surda que sonha ser bailarina. Disponível em: https://youtu.be/B4frsp-rR6c
Esse é o ponto	Produzido por alunos do ensino público, a partir de uma ação educativa da UNICAMP, a história acontece em um ponto de ônibus e apresenta diferenças e peculiaridades vivenciadas por diversas pessoas. Disponível em: https://youtu.be/TVEk6jvLVUk
Brincadeiras	O curta mostra a experiência frustrada por um menino em um parque de diversões por não poder se divertir e ser tratado de forma “especial”. Disponível em: https://youtu.be/rgWsiOFvM6s
<i>Cuerdas</i>	Premiada animação espanhola que conta a história de amizade entre uma menina e um menino que tem paralisia cerebral. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OrGEjSn1v8Y

Fonte: Elaborado pelas autoras

R. Bibliomar, São Luís, v.19, n. 1, p. 141-158, jan./jun. 2020.

Percebeu-se que, num primeiro momento, as crianças não se colocavam, pareciam intimidadas diante da presença dos convidados, mas, conforme os relatos e as conversas surgiram, todos tinham algum fato ou história para contar, além de dúvidas a respeito de como as pessoas com deficiência faziam determinadas coisas (tomar banho, comer, andar pela cidade, ir ao banheiro, como retirar ou colocar uma prótese, se podiam dirigir, ou como fica a perna sem ela, como é a mão sem a órtese, entre outras curiosidades). Dessas conversas, surgiram outros assuntos que também trouxeram oportunidades para cursos futuros, como: cuidados no trânsito, importância das vacinas, amizades, tecnologia, entre outros.

As exposições dos trabalhos produzidos foram organizadas nos murais dos corredores dos colégios até o final do mês de retorno das aulas. O fechamento das atividades aconteceu com a entrega do certificado de conclusão do curso para os alunos que participaram e uma confraternização com lanche e música.

Toda a comunidade escolar participante na proposta preencheu um questionário de satisfação a respeito das atividades realizadas e, de maneira geral, apontaram que os objetivos foram atingidos e até superadas as expectativas iniciais. A direção também confirmou uma nova edição, agora estendida para o Ensino Fundamental II, para as próximas férias ou durante o período escolar, como um projeto a ser desenvolvido. A ideia é que todos os anos participem nas próximas edições, com as devidas adaptações de acordo com as idades

CONCLUSÕES

Como um elemento essencial ao contexto educativo, a biblioteca torna-se um recurso de grande valor no sentido de ampliar as possibilidades de acesso e disponibilização da informação. Seja no apoio ao concretizar os objetivos da escola e do currículo escolar, no estímulo ao hábito da leitura, na formação de leitores, nas oportunidades de elaboração ou disponibilização da informação, além da facilitação de acesso aos recursos e possibilidades informacionais e ações culturais para a comunidade, a biblioteca escolar amplia as possibilidades de aprendizado, o que a torna uma extensão da sala de aula. Isto é, se houver parceria entre os profissionais da comunidade escolar.

Essa parceria entre escola-biblioteca, professor-bibliotecário precisa ser estabelecida, pois cada profissional possui em seu saber ferramentas e recursos importantes para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. O diálogo entre bibliotecário e professor precisa ser um ponto trabalhado nas instituições, pois dessa relação inúmeros frutos de muita significância podem surgir, em ações lúdicas como as relatadas neste artigo.

Comumente, fala-se em formação de professores e de suas dificuldades e necessidades diante de alunos com deficiência, mas existem outros profissionais que também não possuem uma formação específica ou aprofundada no assunto da inclusão e, em sua atuação profissional, encontram pessoas com deficiências em seus ambientes de trabalho. E aí, o que fazer?

Pode parecer um desafio no primeiro momento, mas todo profissional que se compromete com sua profissão e respeita o outro deve considerar o seu usuário (cliente, paciente, aluno ou seja qual for a terminologia utilizada) como cidadão, possuidor de direitos e deveres. Estar e usufruir do ambiente informacional também é direito dele.

Utilizar o discurso de que não houve formação acadêmica, qualificação ou treinamento para tal são argumentos que não cabem mais aos profissionais em uma sociedade que deseja a inclusão e que busca o respeito à diversidade. É preciso mostrar-se mais participativo às questões da sociedade, buscar, conhecer e realizar.

As bibliotecas escolares precisam de mais atenção, além de políticas mais efetivas e condições que lhes permitam fazer parte do espaço educativo. O bibliotecário é um profissional que possui habilidades e potencialidades que podem contribuir para boas práticas no ambiente. Além disso, leis que teoricamente garantem o profissional, mas não se concretizam na prática, não fazem sentido.

No que tange à questão da deficiência, percebeu-se que quanto mais cedo as informações verídicas forem compartilhadas e trabalhadas com as crianças, maiores são as chances de uma sociedade mais justa existir. Crianças, quando bem informadas, tornam-se agentes multiplicadores e podem auxiliar na conscientização de outros sujeitos, desconstruindo preconceitos e paradigmas que impeçam a harmonização nas relações entre as pessoas com e sem deficiência.

Conforme alguns relatos de convidados participantes, as crianças, em geral, auxiliam no processo de aceitação, superação e reabilitação, pois se tornam

motivações pessoais para os envolvidos, o que comprova a importância dessas relações para ambos (crianças e pessoas com deficiência).

Diante de todo o contexto, reafirma-se que é preciso aproveitar a curiosidade da criança a favor de seu desenvolvimento social e educativo e aproveitá-la como uma grande aliada da informação, que pode impulsionar os pequenos na busca por respostas/significados e transformá-los em jovens intelectualmente mais ativos, empáticos e geradores de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BALÇA, Â.; FONSECA, M. A. Os docentes e a biblioteca escolar: uma relação necessária. *Rev. Lusófona de Educação*, Lisboa, n.20, p. 65-80, 2012. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000100005&lang=pt Acesso em: 02 mar.2020.

BALEOTTI, L. R. *Um estudo do ambiente educacional inclusivo: descrição das atitudes sociais em relação à inclusão e das relações interpessoais*. 2006. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2006.

BALEOTTI, L. R.; OMOTE, S. Atitudes sociais de alunos do ciclo I do Ensino Fundamental em relação à inclusão: construção de uma escala infantil. In: SIMPÓSIO EM FILOSOFIA E CIÊNCIA, 5 – Trabalho e conhecimento: desafios e responsabilidades das ciências, 2003, Marília. *Anais eletrônicos...* Marília: UNESP Marília Publicações,2003. 1 CD-ROM

BRASIL. *Lei n. 13.146 de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm . Acesso em: 03 mar. 2020.

CAMPELLO, B. S. Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. *Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, v. 15, n. 29, p.184-208, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n29p184/19549> Acesso em: 21 abr. 2020.

CASTRO, C.A. Ensino e biblioteca: diálogo possível. *Transinformação*, Campinas, v.15, n. 1, p.63-72, jan./abr., 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v15n1/05.pdf> Acesso em: 03 mar. 2020.

COELHO, N. N. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 7 ed. São Paulo: Moderna, 2005.

COLEMAN, L. M. Stigma: an enigma demystified. In: AINLAY, S. C.; BECKER, G.; COLEMAN, L. M. (Eds.). *The Dilemma of difference: a multidisciplinary view of stigma*. New York: Plenum Press, 1986. p. 211-231.

DUARTE, Y.M. A sociedade da desinformação e os desafios do bibliotecário em busca da Biblioteconomia Social. In: RIBEIRO, A.C.M.L.; FERREIRA, P.C.G. (org.). *Bibliotecário do Século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade*. Brasília: Ipea, 2018. Cap. 4, p. 67-82. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8298> Acesso em: 30 abr. 2020.

DUARTE, T.; SPUDEIT, D. Práticas inovadoras nas bibliotecas escolares em Florianópolis: empreendedorismo cultural em foco. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 104-123, set. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v23n3/1413-9936-pci-23-03-00104.pdf> Acesso em: 21 abr. 2020.

DURBAN ROCA, G. *Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola*. Poro Alegre: Penso, 2012.

FERREIRA, A.R. *Biblioteca no ambiente escolar: comunicação, dinâmicas, organização e estratégias de atendimento*. São Paulo: Erica, 2015.

MARIA, E.I.R.; VALENTE, T.A. Literatura infantil: uma possibilidade de inclusão. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. *PDE*. 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uenp_port_artigo_elizangela_idalgo_regallo_maria.pdf Acesso em: 15 mar. 2020.

OMOTE, S. Atitudes sociais em relação à inclusão: estudos brasileiros. *Revista Ibero Americana de estudos em Educação*, v.8, n.3, p. 639-649, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6586/4843> Acesso em: 19 abr. 2020.

PRADO, R. Acervo de livros da escola: um tesouro a explorar. *Nova Escola*, 01/05/2003. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2643/acervo-de-livros-da-escola-um-tesouro-a-explorar> Acesso em: 30 abr. 2020.

SOUZA, M. M. G. da S. e. *Estudo evolutivo de concepções de crianças e adolescentes sem deficiência sobre as deficiências e suas atitudes sociais em relação à inclusão*. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014.

SOUZA, M. M. G. da S. e. *Concepções de deficiência e atitudes sociais de crianças e adolescentes sem deficiência pertencentes a contextos sociais diferentes*. 2019. 162 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2019.

VIEIRA, C. M. Estratégias em sala de aula para mudanças de concepções e atitudes sociais de alunos em relação à inclusão. In: MANZINI, E. (Org.). *Educação especial e inclusão: temas atuais*. São Carlos, SP: Marquezine & Manzini; ABPEE, 2013. p 169-188.

VIEIRA, C. M.; DENARI, F. O que pensam e sentem crianças não-deficientes em relação às deficiências e à inclusão: revisão bibliográfica. *Revista da FAEEBAA: Educação e Contemporaneidade*, v. 16, n. 27. Salvador, jan/jun, 2007, p. 31-40

VIEIRA, C.M.; VIEIRA, P. M. Crianças e inclusão: mudanças de atitudes sociais por meio de estratégias educativas e lúdicas. In: SOUZA, M. M. G.S.; CONCEIÇÃO, A. N.; PEREIRA, A. A. (Orgs.). *Atitudes Sociais em relação à Inclusão: da Educação Infantil ao Ensino Superior*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. 200 p. Cap. 1. p. 12-29.

WELLICHAN, D.S.P.; FALEIRO, R.M.C. A importância e a contribuição da biblioteca no ambiente escolar. *Só Pedagogia*, 02/02/2017. Disponível em: <https://www.pedagogia.com.br/artigos/bibliotecaescolar/> Acesso em: 02 mar. 2020.

WELLICHAN, D.S.P.; LINO, C.C.T.S. A inclusão que está nos quadrinhos: como os personagens podem divertir e ensinar sobre as pessoas com deficiência. *Doxa: Rev.Bras. Psico e Educ.* Araraquara, v.21, n.1, p.44-61, jan./jun.2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/12693/8644> Acesso em: 02 mar.2020.

WELLICHAN, D.S.P.; LINO, C.C.T.S.. A biblioteca escolar no contexto da inclusão: como oferecer e vivenciar experiências inclusivas nesse ambiente. *Biblionline*, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 3-16, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/40603/20678> Acesso em: 21 fev. 2020.